

APRESENTAÇÃO DE SEÇÃO

DIÁLOGO COM OS CLÁSSICOS: LITERATURA GRECO-LATINA E SUAS RECEPÇÕES

Dialogue with Classics: Greek and Latin Literature and its Receptions

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-51

Júlia Batista Castilho de Avellar*

Matheus Trevizam**

Gilson Santos***

RESUMO: Esta seção temática se dedica a repensar, analisar, debater e discutir obras da Antiguidade greco-latina em seus diálogos com produções posteriores, de modo a assinalar variadas formas de recepção dos textos produzidos na Grécia e em Roma antigas, e sua vivacidade ainda hoje, mediante complexos e constantes processos de ressignificação. Em razão da grande quantidade de artigos submetidos, a seção temática inicialmente prevista desdobrou-se ainda em um número suplementar enfocando a recepção clássica. Nesta “Apresentação”, delineamos a situação da área de investigação da recepção clássica e discorremos sobre algumas definições teóricas, com base, principalmente, nos trabalhos de Martindale (1993; 2013) e Hardwick (2003). Em seguida, abordamos a questão da recepção dos clássicos na literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção clássica. Tradição. Literatura grega. Literatura latina. Literatura brasileira.

ABSTRACT: This thematic section rethinks, analyzes, debates, and discusses the dialogues between works from Greek and Roman Antiquity and later productions. It aims to highlight different forms of reception of texts produced in ancient Greece and Rome, as well as its liveliness today through complex and constant processes of resignification. Due to the large number of submissions, the thematic section initially planned was further developed into a supplementary issue on classical reception. In this ‘Presentation’, we outline the situation in the research area of classical reception, and discuss some theoretical concepts, based mainly on the works of Martindale (1993; 2013) and Hardwick (2003). Next, we discuss the classical reception in Brazilian literature.

KEYWORDS: Classical Reception. Tradition. Greek Literature. Latin Literature. Brazilian Literature.

* Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de Literaturas Clássicas e Medievais. Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: 0000-0003-3676-833X. E-mail: juliabcastellar(AT)gmail.com.

** Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na área de Estudos Clássicos. Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). ORCID: 0000-0002-1744-3380. E-mail: matheustrevizam2000(AT)yahoo.com.br.

*** Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: 0000-0001-9799-2672. E-mail: gilsonsantos2105(AT)hotmail.com.

Introdução

Logo no princípio do artigo “Reception — a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical”, Charles Martindale (2013) assinala o crescimento dos estudos de recepção clássica como um dos traços mais notáveis dos últimos 20 anos. Hoje, pouco mais de uma década após essa afirmação, podemos constatar não só que esse crescimento continua, como também que a recepção clássica é responsável por ressignificar as obras da Antiguidade e renovar constantemente a área de Estudos Clássicos, conferindo-lhe vitalidade e vivacidade.

Prova disso foram as mais de 50 submissões recebidas nesta chamada para seção temática da revista *Letras & Letras* enfocando os diálogos com os clássicos greco-latinos. Além de demonstrar o interesse cada vez maior dos estudiosos em aprofundar as investigações relacionadas à recepção de obras da Antiguidade, a grata surpresa de contar com um número elevado de submissões evidencia como a área de Estudos Clássicos está plenamente ativa no Brasil (assim como no exterior) e como ela tem se mostrado atenta ao diálogo com outras áreas do conhecimento e com os desenvolvimentos teóricos mais recentes, frequentemente sob uma perspectiva interdisciplinar.

Assim, diante dos mais de 30 textos aceitos para publicação, temos a grande alegria e satisfação de dizer que foi necessário desdobrar a seção temática inicialmente prevista como parte do volume 40 da revista *Letras & Letras* (2024); criando, além dela, também um número suplementar, a fim de poder trazer à luz, ainda neste ano de 2024, todos os textos aprovados pelos pareceristas anônimos que gentilmente colaboraram conosco no processo editorial.¹ Para isso, foi preciso dividir em duas partes a publicação, e utilizamos como critério de organização as proximidades de tema e os tipos de recepção abordados.

Na seção temática inicialmente proposta (v. 40, número único, 2024), foram inseridos os textos que enfocam diretamente a questão do diálogo dos clássicos greco-latinos com obras da literatura brasileira. Além de constituírem o bloco temático mais numeroso, esses textos se aproximam e formam um grupo coeso, tendo em comum a abordagem da recepção na literatura brasileira. Por sua vez, o número suplementar criado (v. 40, número

¹ Também gostaríamos de agradecer ao Prof. Igor Antônio Lourenço da Silva, atual diretor da revista *Letras & Letras*, pelo imensurável auxílio prestado enquanto atuamos como editores desta seção temática e por ter aderido à ideia de fazer um volume suplementar, tendo em vista o elevado número de artigos submetidos.

suplementar, 2024), que dá continuidade a esta seção temática, busca evidenciar a variedade e a multiplicidade de formas pelas quais se manifesta a recepção clássica, reunindo textos sobre a recepção não apenas na literatura, mas também em outras artes e mídias (como o cinema e a pintura), em outras vertentes do pensamento (filosofia, história, feminismo, filologia) e na prática tradutória.

Diante disso, como uma espécie de preâmbulo para os estudos aqui reunidos, compilamos e discutimos neste texto algumas definições, conceituações e particularidades referentes ao processo de recepção e, mais especificamente, à recepção de obras da Antiguidade greco-latina. Essa discussão teórica servirá como plano de fundo para as análises apresentadas em cada um dos artigos aqui publicados. Em seguida, considerando-se o enfoque específico desta seção temática – a recepção clássica na literatura brasileira –, propomos também uma breve discussão teórica envolvendo a retomada e recriação das obras da Antiguidade em solo brasileiro.

1 Recepção clássica e as definições de um campo

Há 31 anos, Charles Martindale (1993) publicou a primeira edição de seu livro *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*, marco fundamental para as reflexões acerca da interpretação de poesia latina. Concebida em contraste com as formas positivistas de interpretação ainda predominantes no âmbito dos Estudos Clássicos à época, a obra propõe novas abordagens da literatura latina, com base em procedimentos da teoria crítica moderna, sobretudo a teoria da recepção, mas também a desconstrução e as teorias hermenêuticas vinculadas ao pensamento de Gadamer.

Martindale defende a ideia de que “a interpretação não pode ser separada dos modos como os textos são e foram recebidos pelos leitores”, o que o leva a afirmar que “o sentido sempre se completa no ponto de recepção” (1993, p. 2-3, trad. Júlia Avellar).² Com isso, o autor de um texto não mais figura como o detentor máximo de seu sentido, nem pode

² “[...] interpretation cannot be separated from the ways texts are, and have been, received by readers” e “Meaning is always realized at the point of reception”.

controlar a recepção da própria obra,³ cujos sentidos, na visão do estudioso, são construídos mediante a participação do leitor. De fato, Martindale (1993, p. 4-5) problematiza o discurso do “natural”, segundo o qual os textos possuiriam um sentido original, alheio às contingências históricas, a ser simplesmente apreendido por um leitor competente. Para ele, o sentido estável de um texto é uma ficção heurística, já que “um texto escrito é um conjunto de marcas até que um sentido seja construído por um leitor [...]; nessa medida, textos não deviam ser separados dos processos pelos quais seu sentido é constituído” (Martindale, 1993, p. 15, trad. Júlia Avellar).⁴

Diante disso, como alternativa para a interpretação das obras da Antiguidade, o estudioso apresenta um modelo dialógico, que ele próprio revisita e aprofunda em artigo publicado 20 anos depois: “as Clássicas são necessariamente um diálogo entre antigo e moderno, transhistoricamente” (Martindale, 2013, p. 177, trad. Júlia Avellar).⁵ Suas discussões são fundamentais para desconstruir, no âmbito dos Estudos Clássicos, uma espécie de metafísica do texto, que se manifesta, por exemplo, na crença em textos dotados de um sentido unívoco e preestabelecido. Além disso, Martindale se empenha em desfazer duas ilusões observadas com alguma frequência nas interpretações literárias, as quais ele denomina de “historicismo vulgar” (“visão de que podemos conhecer o passado tal como ele realmente era, imaculado pelo que veio depois”) e de “presentismo vulgar” (“visão de que tudo está completamente adaptado ao que pensamos no presente”) (2013, p. 171-172).⁶ Para ele, ambas as visões são problemáticas na medida em que se concentram em dois pontos de referência – o aqui e o outrora –, ao passo que o processo de recepção é muito mais complexo e envolve outras camadas, com textos mediando a relação, com leituras e interpretações situadas entre um e outro ponto.

Se a obra de Martindale (1993) pode ser considerada inaugural para se reinterpretar a Antiguidade greco-latina sob o viés da recepção, fornecendo uma densa discussão teórica

³ A questão do “controle autoral” é problematizada também por Hinds (1998), ao distinguir os conceitos de “alusão” e “intertextualidade”. O estudioso vincula o “controle autoral” à perspectiva da prática alusiva e a uma postura que ele denomina de “fundamentalismo filológico” (Hinds, 1998, p. 18 seq.).

⁴ “A written text is a set of marks until a meaning is construed by a reader [...]; to that extent texts should not be separated from the processes by which their meaning is constituted”.

⁵ “Classics is *necessarily* a dialogue of ancient and modern, transhistorically”.

⁶ “[...] two opposed illusions common in literary interpretation, which we may call vulgar historicism (the view that we can know the past as it really was, untainted by what came after) and an equally vulgar presentism (the view that everything is wholly adapted to what we think in the present)”.

sobre o assunto, dez anos depois, Lorna Hardwick (2003) publica seu livro *Reception Studies*. Nele, ela oferece um panorama dos estudos de recepção (com base nas contribuições teóricas de Jauss, Iser, Gadamer e do conceito de “distância crítica”) e desenvolve argumentos vinculando os Estudos Clássicos a abordagens culturais mais amplas. Para isso, ela busca, primeiramente, esclarecer a mudança teórico-metodológica instaurada pelo campo dos estudos de recepção clássica em relação à abordagem da “tradição clássica”.

De acordo com Hardwick (2003, p. 2, trad. Júlia Avellar), a tradição clássica “estudou a transmissão e a disseminação da cultura clássica através das épocas, geralmente com ênfase na influência dos escritores, artistas e pensadores clássicos sobre movimentos intelectuais e obras individuais posteriores”.⁷ A implicação dessa abordagem é que “a cultura antiga estava morta, mas podia ser recuperada e reaplicada desde que se possuísse o conhecimento necessário” (Hardwick, 2003, p. 2, trad. Júlia Avellar).⁸

A noção de “tradição clássica”, portanto, repousa numa perspectiva linear e cronológica, de acordo com a qual as obras antigas influenciam as posteriores, deixando um legado a ser retomado ou revisitado. Um dos pressupostos desse método fundamenta-se justamente na crença de que o sentido das obras clássicas (retomado em produções posteriores) é estável e uniforme, de modo a se observar aqui uma postura alinhada com o pensamento fundado na metafísica do texto. A isso ainda se soma que uma noção bastante cara a essa perspectiva é a de “cadeia de influência” (*chain of influence*), que ressalta a ideia de uma transmissão unidirecional ao longo do tempo.

Em contraste com essa abordagem, a novidade trazida pela recepção clássica, conforme destaca Hardwick (2003, p. 3-4), consiste, por um lado, no reconhecimento da diversidade das culturas antigas e, por outro, na relação de mão dupla entre texto e cultura de partida e texto e cultura de chegada.⁹ No primeiro caso, ao se considerar o caráter variado da cultura antiga, lança-se luz sobre o fato de o sentido dos textos antigos não ser unívoco e

⁷ “This studied the transmission and dissemination of classical culture through the ages, usually with the emphasis on the influence of classical writers, artists and thinkers on subsequent intellectual movements and individual works”.

⁸ “This rather implied that ancient culture was dead but might be retrieved and reapplied provided that one had the necessary learning”.

⁹ Ao longo de seu estudo, Hardwick (2003) emprega o termo “texto-fonte” (*source text*) para se referir à obra que é recebida e retomada em textos ou culturas posteriores. Preferimos evitar essa nomenclatura (embora ela apareça nas citações diretas de trechos da autora), uma vez que o termo nos parece estar bastante impregnado da ideia de “influência”, que é problematizada pelos estudos de recepção.

engessado, mas estar em constante construção a cada nova leitura. No segundo caso, pode-se dizer que a relação de mão dupla é o que possibilita que também os textos antigos sejam relidos e ressignificados durante o processo de recepção.

Dessa forma, os estudos de recepção “também concentram uma atenção crítica em direção à fonte antiga e às vezes formulam novas questões ou encontram aspectos da fonte que foram marginalizados ou esquecidos” (Hardwick, 2003, p. 4, trad. Júlia Avellar).¹⁰ Essa possibilidade de os textos antigos também terem seus sentidos reconstruídos à luz das contribuições e obras posteriores configura, a nosso ver, o grande potencial dos estudos de recepção, uma vez que ela confere vivacidade e renovação contínua para o material clássico.

No que concerne ao escopo dos estudos de recepção clássica, Hardwick (2003, p. 5), ao propor definições para a própria recepção, acaba por delinear os pontos principais a serem enfocados em estudos dessa natureza. Para ela, a recepção aborda

(i) Os processos artísticos e intelectuais envolvidos na seleção, imitação ou adaptação de obras antigas – como o texto foi “recebido” e “reconfigurado” [...]; como a obra posterior se relaciona com a fonte.

(ii) A relação entre esse processo e os contextos em que ele se desenvolve. Esses contextos podem incluir: o conhecimento da fonte por parte do receptor e como esse conhecimento foi obtido; a obra como um todo de um artista ou poeta; a colaboração entre escritor/tradutor ou diretor, *designer* e ator; o papel do patrono ou financiador; o papel do leitor/público [...].

(iii) O propósito ou função para a qual a nova obra ou apropriação de ideias e valores é realizada.

(Hardwick, 2003, p. 5, trad. Júlia Avellar)¹¹

Nota-se que, na abordagem de Hardwick (2003), a recepção clássica contempla não só a investigação das relações entre os textos e os processos envolvidos em sua retomada ou recriação, mas também leva em conta os contextos e elementos exteriores à matéria textual,

¹⁰ “They also focus critical attention back towards the ancient source and sometimes frame new questions or retrieve aspects of the source which has been marginalized or forgotten”.

¹¹ “(i) The artistic or intellectual processes involved in selecting, imitating or adapting ancient works – how the text was ‘received’ or ‘refigured’ [...]; how the later work relates to the source. (ii) The relationship between this process and the contexts in which it takes place. These contexts may include: the receiver’s knowledge of the source and how this knowledge was obtained; a writer’s or artist’s works as a whole; collaboration between writer/translator or director and designer and actor; the role of the patron or financier; the role of audience/reader/public [...]. (iii) The purpose or function for which the new work or appropriation of ideas or values is made [...]”.

capazes de lhe conferir novas significações. A isso ainda se soma uma reflexão sobre elementos práticos e pragmáticos vinculados ao processo de recepção. Ou seja, para além dos efeitos de sentido gerados pelo diálogo entre os textos envolvidos, há que se considerar nas investigações também as funções políticas, sociais ou culturais que a retomada e a ressignificação de obras antigas em produções modernas podem desempenhar.

Assim, embora ambos os estudiosos aqui enfocados se fundamentem em ideias da teoria da recepção e adotem uma perspectiva hermenêutica para abordar o diálogo entre obras, Martindale (1993; 2013) parece se centrar majoritariamente nas questões teóricas envolvidas no processo e em reflexões concernentes à interpretação. Por sua vez, ainda que esteja na esteira desse pensamento teórico, Hardwick (2003) incorpora em sua abordagem questões mais amplas referentes à política cultural.

As contribuições desses dois estudiosos (aqui sumariamente apresentadas)¹² constituem marcos importantes para a reavaliação das interpretações dos clássicos greco-romanos e para se pensar essas obras não como fixas ou engessadas, mas sim em constante processo de ressignificação, mobilidade e mudança. Servem, portanto, como ponto de partida teórico e convite inicial para a leitura dos artigos que compõem tanto esta seção temática quanto o número suplementar que lhe dá continuidade.

2 Clássicos greco-latinos transpostos para o Brasil

No Brasil, os clássicos greco-latinos estão em alta: basta considerar a atual profusão de eventos acadêmicos e de publicações (dissertações, teses, estudos e traduções) sobre eles. Mais do que isso, a presente seção temática, que precisou ser desdobrada em um número extra da revista, corrobora a vivacidade e a proficuidade da área de Estudos Clássicos em nosso país e nossa literatura.

Com efeito, a literatura brasileira, desde as suas primeiras manifestações literárias até as produções contemporâneas, estabeleceu diálogos, ora explícitos, ora velados, com as produções da Antiguidade, seja segundo o regime da *imitatio* e da *aemulatio*,¹³ num período

¹² Para informações adicionais sobre a área de recepção clássica e referências adicionais a outros estudiosos, veja-se o verbete “Recepção” (Freitas, 2024) no *Dicionário conceitual de circuitos e interações da Antiguidade*.

¹³ Para uma contextualização detalhada dos conceitos de *imitatio* e *aemulatio* na Antiguidade, bem como suas relações com a retórica e a literatura, cf. Avellar, Barbosa e Trevizam (2018, p. 33-58).

em que a poesia ainda se vinculava fortemente à retórica, seja posteriormente no Modernismo, quando a antropofagia ingeriu, assimilou e recriou os clássicos. Na cultura brasileira, e na literatura em particular, a pervivência dos clássicos tem fundamento histórico.

Na sociedade de linhas simples e rígidas que se apresentava na América Portuguesa, os poucos indivíduos que demonstravam interesse pronunciado pela literatura eram os religiosos e os membros da aristocracia local (Sodré, 2002, p. 74-78). Nos colégios (religiosos), ensinavam-se, além da língua vulgar (português), outras línguas românicas de prestígio – espanhol, italiano e francês – e a língua de cultura da época, o latim. Naturalmente, o ensino de línguas era acompanhado de estudos apurados das obras literárias modelares produzidas nessas línguas (os clássicos), que constituíram a base da formação cultural dos letrados.

Já em meados do século XVII, essa educação clássico-humanística forma uma elite constituída por uma pequena aristocracia local, com elementos religiosos e leigos, que se apropria do código retórico-poético instaurado pelos grandes escritores: Virgílio, Ovídio, Cícero, Sêneca, Antônio Ferreira, Camões, Petrarca, Dante, Góngora, Quevedo, dentre outros. Como parte do processo de ensino, os estudantes compunham obras literárias nessas línguas; inicialmente, apenas imitando os modelos (*imitatio*); com o tempo, a imitação cedeu lugar à inspiração, e talentos genuínos puderam se manifestar – numa louvável tentativa de emulação (*aemulatio*) dos clássicos, conforme destaca Sodré (2002, p. 74-78).

A título de exemplo, um escritor que no período colonial personifica a assimilação do referido código retórico-poético é Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711), cuja *Música do Parnaso*, obra complexa, apresenta quatro coros de rimas, cada qual redigido em um idioma: português, espanhol, italiano e latim, respectivamente. O plurilinguismo de Botelho traduz a prática cultural da época, que entendia

a poesia como manifestação do gênero epidítico, tomando-o no sentido de demonstração ostensiva de virtuosismo técnico e talento pessoal. Segundo essa hipótese, o domínio de diferentes línguas – e de cada uma delas em particular – integraria o desígnio de produzir o efeito de energia intelectual do autor, que se esforça para compor uma imagem de si mesmo como arguto, sutil e perspicaz. (Teixeira, 2005, p. 14)

Em *Música do Parnaso*, os poemas escritos em língua estrangeira trazem o título em português, sugerindo que o idioma praticado no poema não é próprio do autor, mas aquele

que a cultura letrada de seu tempo lhe concedeu e ele adquiriu como demonstração de vitalidade e inteligência.

Deixemos o período colonial e saltemos ao século XX. Outro autor que busca nas obras clássicas elementos para incorporar à cultura brasileira é Osman Lins (1924-1978), cuja obra *O fiel e a pedra* – “um romance moderno; não é modernista nem experimental, como seriam os da fase seguinte” (Perrone-Moisés, 2021, p. 26) – escapa a classificações fáceis: não é regionalista, pois, embora narre uma história situada em Pernambuco à época do declínio dos grandes engenhos de cana-de-açúcar, extrapola os traços genéricos que caracterizam essa espécie literária.

O romance – como bem observa Matheus Trevizam (2015, p. 111-135; 2021, p. 133-148) – faz várias alusões à épica clássica, em especial à *Eneida*, de Virgílio. O pesquisador brasileiro, partindo de ideias e conceitos colhidos no ensaio “Arte Alusiva”¹⁴ (1942), de Giorgio Pasquali (1885-1952), estudou as relações intertextuais entre as duas obras (o romance e a *Eneida*). Trevizam (2021, p. 136) destaca a “conexão” entre o herói osmaniano (Bernardo Cedro) e Eneias, mas relativiza tal vinculação: se Osman Lins apresenta em seu romance o espaço e o meio cultural do Nordeste brasileiro, Virgílio, por sua vez, refletia preocupações com narrar as raízes lendárias de Roma por meio dos esforços do herói troiano.

Esses dois exemplos (Manuel Botelho e Osman Lins) – mas muitos outros poderiam ser listados – evidenciam que as obras clássicas constituem manancial que abastece as Letras em terras brasileiras desde as suas primeiras manifestações. Em paralelo com eles, que representam abordagens voltadas para as perspectivas da *imitatio* e da alusão, ainda é possível observar, especialmente na literatura brasileira do século XX, outras formas de retomada e recepção dos clássicos. Além das mencionadas perspectivas do código retórico-literário e da “tradição clássica”, nota-se que, a partir do Modernismo brasileiro, os diálogos com produções da Antiguidade tornam-se mais livres e fluidos, por meio de recriações que,

¹⁴ No referido ensaio, o filólogo italiano entende ser “a palavra [...] como água de regato que reúne em si os sabores da rocha da qual brota e dos terrenos pelos quais passou” (Pasquali, 2019, p. 12 *apud* Trevizam, 2021, p. 134) e, partindo dessa “esclarecedora imagem”, distingue em relação aos procedimentos usuais de aproximação entre textos literários três diferentes modos de incorporar a “palavra ‘alheia’” a dado texto, a saber: reminiscências (talvez, inconscientes), imitações e alusões. Segundo Pasquali (2019), nas imitações o poeta poderia desejar que as relações intertextuais escapassem ao público; nas alusões, por sua vez, a intertextualidade apenas teria efeito sobre leitores que se recordassem do texto a que ela se refere (cf. Trevizam, 2021, p. 134-136).

não necessariamente tomando os clássicos por modelos, propõem-se, na verdade, a relê-los e ressignificá-los.

É o que demonstram não apenas as próprias obras – peças de teatro, romances, poemas, contos, ensaios etc. – dos autores nacionais de algum modo evocativos do imaginário greco-romano, mas, ainda, as recentes tentativas de “sistematizar” ou refletir sobre tão numerosas e múltiplas produções artísticas. Entre vários exemplos possíveis, lembramos no último sentido as coletâneas de ensaios organizadas no país (i) por Robert de Brose (2019), (ii) por Júlia Batista Castilho de Avellar, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e Rafael Guimarães Tavares da Silva (2022) e (iii) por Matheus Trevizam e Patricia Prata (2023).

No primeiro caso, o organizador, docente de língua e literatura grega na Universidade Federal do Ceará (UFC) e líder do Grupo de Pesquisa “Tradução e recepção dos clássicos” (CNPq), esclarece que esse volume cujo cuidado lhe diz respeito foi resultado do “I Colóquio pervivência clássica: interfaces entre tradução e recepção dos clássicos”, o qual ocorrera na UFC entre 18 e 19 de agosto de 2019, com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Ainda de acordo com o mesmo organizador/pesquisador, o Grupo de Pesquisa referido tem por meta “explorar a tradução dos clássicos e sua recepção em diferentes línguas, épocas e culturas, incluindo o Brasil” (Brose, 2019, p. 13). No tocante aos textos reunidos no volume *Pervivência clássica*, somos também informados de que vários deles resultaram de palestras efetivamente ministradas no evento em questão, enquanto outros agregam contribuições de pesquisadores que, mesmo sem ter podido apresentar-se ali, quiseram “contribuir com alguma reflexão sobre o tema” (Brose, 2019, p. 13).

Os temas dos capítulos coligidos por Brose (2019) são variados, no tocante às obras antigas comentadas, que foram “fontes” para adaptações, (re)aproveitamentos e traduções de intelectuais de distintas épocas e/ou línguas e/ou culturas. Entre tais obras, poderíamos citar os épicos homéricos, a *Eneida*, a tragédia *Édipo*, de Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), a lírica grega arcaica de poetas como Alcman, Alceu, Safo e outros, os *Amores* de Ovídio etc. Por sua vez, os adaptadores ou criativos tradutores de tantos textos da Antiguidade, como

contemplados no volume, correspondem inclusive a João Guimarães Rosa (1908-1967),¹⁵ ao britânico Ted Hughs (1930-1998),¹⁶ aos irmãos Castilho¹⁷ em Portugal no século XIX.

Outra obra, *Ser clássico no Brasil: apropriações literárias no Modernismo e Pós*, publicada pela imprensa da Universidade de Coimbra sob os cuidados de Avellar, Barbosa e Silva (2022), aborda a questão da recepção clássica sob viés particular, perceptível desde seu capítulo introdutório, “Estratégias brasileiras de absorção dos clássicos”, escrito pelos organizadores. Dessa maneira, embora agregue capítulos de autoria diferente a cada vez e, além disso, ocupados de esmiuçar a produção de autores tão variados quanto, por exemplo, Jorge de Lima,¹⁸ Hilda Hilst¹⁹ e Guimarães Rosa,²⁰ houve aqui esforço teórico de disciplinar o “caos criador”, segundo as palavras dos autores da “Introdução” (Avellar; Barbosa; Mortoza; Silva, 2022, p. 14).

Semelhante operação de ordenamento passa, nas supracitadas “Estratégias brasileiras de absorção dos clássicos”, pelo entendimento de que o processo de recepção dos clássicos pelas Letras brasileiras não foi uno, mas diferenciado segundo seus pressupostos e procedimentos adaptativos. Uma primeira vertente, nesse sentido, é a da “antropofagia”, à maneira do modernista Oswald de Andrade (1890-1954); a segunda diz respeito, sob a “égide” do também modernista Mário de Andrade (1893-1945), à “traição da memória”; a terceira e última se identifica com a perspectiva do “esmerado sucinto”, à moda de João Guimarães Rosa.

No tocante ao processo antropofágico, os organizadores da obra *Ser clássico no Brasil* explicam, baseando-se inclusive em conhecidos manifestos oswaldianos,²¹ que se trata da recepção “devoradora de elementos eruditos externos [...], por meio da seleção e da

¹⁵ Cf. contribuição de Christian Werner, intitulada “Uma fórmula em *Grande Sertão: veredas* e a tradução dos poemas homéricos” (in Brose, 2019, p. 43-55).

¹⁶ Cf. contribuição de Renata Cazarini de Freitas, intitulada “Pervivências do *Édipo* de Sêneca no palco de língua inglesa” (in Brose, 2019, p. 57-76).

¹⁷ Cf. contribuição de Brunno V. G. Vieira, intitulada “A aventura austral de Corina: edição d’*Os Amores*, de Ovídio, pelos irmãos Castilho (1858)” (in Brose, 2019, p. 127-139).

¹⁸ Cf. contribuição de Júlia Batista Castilho de Avellar, intitulada “A recepção de Ovídio por Jorge de Lima: metamorfoses brasileiras em *Invenção de Orfeu*” (in Avellar; Barbosa; Silva, 2022, p. 103-128).

¹⁹ Cf. contribuição de André L. Visioni, intitulada “Hilda Hilst e a sublevação cômica do antigo em *Contos d’escárnio – textos grotescos*” (in Avellar; Barbosa; Silva, 2022, p. 202-219).

²⁰ Cf. contribuição de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, intitulada “Metaplasmos de um audaz navegante” (in Avellar; Barbosa; Silva, 2022, p. 246-283).

²¹ A saber, o “Manifesto Pau-Brasil”, de 1924, e o “Manifesto Antropófago”, de 1928.

deglutição daquilo que vem de fora, necessariamente modificado e assimilado às produções brasileiras” (Avellar; Barbosa; Silva, 2022, p. 68). Dele se diferencia a “traição da memória”²² por haver nisso uma “estratégia de se constituir um amplo arquivo erudito antes de embaralhá-lo, a fim de recorrer a ele de modo lúdico e até jocoso”.

Ainda, dizer que a recepção dos clássicos segue a conformação do “esmerado sucinto” implica, para os organizadores dessa coletânea de capítulos, o entendimento de que

... as literaturas e as línguas são universais e estão interconectadas. Assim, Rosa promove singularmente um jogo produtivo entre as tradições eruditas e as populares, deglutindo antropofagicamente as outras culturas, enquanto traduz a mixórdia de nossa própria tradição, mantendo-se fiel apenas à memória do adágio italiano *traduttore/traditore* (“tradutor/traidor”). (Avellar; Barbosa; Mortoza; Silva, 2022, p. 14)

Em seu itinerário criativo, magistralmente exemplificado pelo *magnum opus* do romance *Grande Sertão: veredas*, Rosa, com efeito, fugiu dos esquemas fáceis do regionalismo (procura da cor local nas paisagens, apreensão do pitoresco pela linguagem e costumes etc.) para alçar voos mais longos. Isso incluiu, além de sua faceta de notável criador vocabular, a partir de línguas antigas e modernas, a capacidade de assimilar temas de várias literaturas – inclusive a grega e homérica –²³ a uma forma de escrita inegavelmente marcada por elementos orais e sertanejos.

Refletindo as amplas possibilidades abertas pela visada crítica atinente à “mesma” recepção clássica, o recente volume *Recepção dos clássicos: intertextualidade e tradução*, a contar com Patrícia Prata e Matheus Trevizam (2023) como organizadores, segue perspectiva própria para disciplinar, também, o “caos” que significa reunir, numa mesma obra, capítulos sobre textos tão dispersos quanto *Aetna*, poema anônimo do século I d.C.;²⁴ o *Buccolicum*

²² A expressão se encontra em Souza (1999, p. 187), mas o próprio Mário de Andrade (1977, p. 150) empregara os dizeres “reformulação de pedaços de memória” no romance *O banquete*, ao referir-se ao processo de criação artística.

²³ Cf. contribuição de Lorena Lopes da Costa, intitulada “Homero e Hesíodo ‘no meio do redemunho’: o sertão clássico de João Guimarães Rosa” (in Avellar; Barbosa; Silva, 2022, p. 223-244).

²⁴ Cf. contribuição de Matheus Trevizam, intitulada “*Aetna* em diálogo com Virgílio” (in Prata; Trevizam, 2023, p. 27-53).

carmen, de Giovanni Boccaccio (1313-1375);²⁵ as *Espumas flutuantes*, do romântico Castro Alves (1847-1871);²⁶ a tradução da *Eneida* por António José de Lima Leitão (1787-1856)²⁷ etc.

Nesse caso, os organizadores baseiam-se nas ideias de Charles Martindale (2006), Don Fowler (2019 [2000]), Lorna Hardwick (2003) e outros para trazer à tona, na “Introdução”, importantes conceitos, tais como a própria noção de recepção clássica, a da intertextualidade – um dos meios específicos pelos quais ela ocorre –²⁸ e a das práticas tradutórias, em sua face de estratégias adaptadoras do estrangeiro ao familiar. Procurando, ainda, eliminar preconceitos metodológicos – como se os estudiosos atuais da Teoria da recepção aplicada aos clássicos estivessem “abusivamente” direcionando olhares modernos a práticas antigas demais para isso –, deixam claro por muitos exemplos que

[e]m uma produção literária como a latina, que se estruturou na prática sob o decisivo influxo de modelos helênicos, a questão da recepção pode ser colocada para o entendimento das relações entre esta matriz de cultura e aquela que dela se apropria. Alguns pontos-chave nesse longo processo de a cultura latina deglutir a grega seriam as ideias de aculturação e de seleção do legado estrangeiro por meio de pontos de vista e valores intrinsecamente latinos e/ou posteriores no tempo. (Prata; Trevizam, 2023, p. 14-15)

Assim, a dita “Introdução” frisa mais de uma vez o caráter (cri)ativo dos literatos de Roma diante das artes que remodelaram. Para tal, são apontados casos como o de Lívio Andronico (284-204 a.C.), o qual teria adaptado, em sua tragédia *Ájax de chicote*, o mito helênico do enlouquecimento desse herói a “sentimentos sugeridos pelos acontecimentos contemporâneos da Segunda Guerra Púnica contra Aníbal” (Prata; Trevizam, 2023, p. 16); o do desenvolvimento da chamada *fabula praetexta* – ou seja, peças de estrutura trágica, porém com assunto histórico romano – sob a égide do poeta Gneu Névio (270-201 a.C.); e a destacada participação dos *cantica*, partes efetivamente cantadas ou salmodiadas pelas

²⁵ Cf. contribuição de Adir de Oliveira Fonseca Júnior, intitulada “Reinventando a roda: Boccaccio e o gênero bucólico” (in Prata; Trevizam, 2023, p. 101-129).

²⁶ Cf. contribuição de Patricia Prata, intitulada “A presença da poética exílica ovidiana em *Espumas Flutuantes* de Castro Alves” (in Prata; Trevizam, 2023, p. 161-189).

²⁷ Cf. contribuição de Paulo Sérgio de Vasconcellos, intitulada “Uma tradução poética da *Eneida* no século XIX: Lima Leitão e a epopeia virgiliana” (in Prata; Trevizam, 2023, p. 269-289).

²⁸ Cf. Prata e Trevizam (2023, p. 11): “A intertextualidade (o jogo alusivo), contudo, pode ser entendida como um tipo de recepção em sentido lato, baseado em sua acepção primeira, etimológica, que é a ‘ação de receber’; no caso da composição textual, *grosso modo*, seria o receber de outros textos material e assunto para sua composição”.

personagens do teatro plautino, em desfavor dos coros das comédias gregas (Prata; Trevizam, 2023, p. 16-17).

Mutatis mutandis, processos como a “seleção, imitação ou adaptação de obras antigas” (Hardwick, 2003, p. 15) continuaram evidentemente a vigorar em temporalidades da cultura humana alheias à Antiguidade em si, o que se reflete, na abrangência cronológica dos capítulos do mencionado volume, em análises a recobrirem também o Humanismo e o Renascimento italiano, o século XVIII português, o século XIX e o XX, em mais de uma manifestação brasileira (pelas mãos, além de Castro Alves, do Machado de Assis do romance *Dom Casmurro* e de João Guimarães Rosa, grande “tradutor” de clássicos estrangeiros, em sentido lato).

A vigência, enfim, no volume *Recepção dos clássicos: intertextualidade e tradução*, de um entendimento vasto desse processo de remanejamento de modelos, no sentido de que até a intertextualidade e a tradução se incorporam ao grande arcabouço receptivo, justifica que ele se apresente de maneira tripartida, quanto à disposição dos capítulos a integrá-lo. Nas partes “Recepções antigas” e “Recepções modernas”, dessa maneira, têm presença garantida as contribuições que ilustram processos intertextuais em sucessivos períodos, enquanto aquela “Tradução” revela, pelo nome, seu conteúdo.

Na esteira desses volumes sobre recepção clássica, na presente seção temática, foram reunidos textos que abordam relações da literatura brasileira com as produções greco-latinas. Assim, são enfocados os diálogos com as obras de poetas como Homero e Ovídio, com o teatro de Sófocles e Plauto, com o pensamento filosófico de Platão e com traços e características mais gerais das poéticas e retóricas clássicas. As investigações recaem sobre autores do período colonial, como Frei Manuel de Santa Maria Itaparica, sobre a poesia moderna de Carlos Drummond de Andrade e Raul de Leoni, sobre a literatura de cordel, sobre as produções de Ariano Suassuna, sobre a dramaturgia de Carlos Henrique Escobar, sobre obras em prosa de José de Alencar e Rita Lee. A seção temática se encerra com uma resenha de obra que revisita o Arcadismo brasileiro.

Diante dos diferentes autores e autoras estudados, podemos nos perguntar: Quais seriam as contribuições dos clássicos para a formação da literatura brasileira? De que modo os clássicos são retomados, traduzidos, lidos e assimilados à nossa cultura? Em sua variedade,

os trabalhos acolhidos nesta seção temática – ainda que não respondam diretamente a tais questões – poderão oferecer aos leitores não só uma amostragem da vitalidade dos Estudos Clássicos no Brasil, mas também um panorama das (inter-)relações entre cultura clássica e cultura brasileira.

Referências

ANDRADE, Mário de. **O banquete**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

AVELLAR, Júlia B. C. de; BARBOSA, Tereza V. R.; MORTOZA, Marina P. D.; SILVA, Rafael G. T. da. Introdução. In: AVELLAR, Júlia B. C. de; BARBOSA, Tereza V. R.; SILVA, Rafael G. T. da (org.).

Ser clássico no Brasil: apropriações literárias no Modernismo e Pós. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. p. 11-26. Disponível em:

<https://monographs.uc.pt/iuc/catalog/book/269>. Acesso em: 25 set. 2024.

AVELLAR, Júlia B. C. de; BARBOSA, Tereza V. R.; SILVA, Rafael G. T. da. Estratégias brasileiras de absorção dos clássicos. In: AVELLAR, Júlia B. C. de; BARBOSA, Tereza V. R.; SILVA, Rafael G. T. da (org.). **Ser clássico no Brasil: apropriações literárias no Modernismo e Pós**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. p. 45-73. Disponível em:

<https://monographs.uc.pt/iuc/catalog/book/269>. Acesso em: 25 set. 2024.

AVELLAR, Júlia B. C. de; BARBOSA, Tereza V. R.; SILVA, Rafael G. T. da (org.). **Ser clássico no Brasil: apropriações literárias no Modernismo e Pós**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. Disponível em: <https://monographs.uc.pt/iuc/catalog/book/269>. Acesso em: 25 set. 2024.

AVELLAR, Júlia B. C. de; BARBOSA, Tereza V. R.; TREVIZAM, Matheus. **Tempestades clássicas: dos antigos à era dos descobrimentos**. São Paulo/Coimbra: Annablume, 2018. Disponível em:

<https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/55079>. Acesso em: 25 set. 2024.

BROSE, Robert de (org.). Prefácio. In: BROSE, R. de. **Pervivência clássica**. Belo Horizonte: CAPES/Moinhos, 2019. p. 13-14.

BROSE, Robert de (org.). **Pervivência clássica**. Belo Horizonte: CAPES/Moinhos, 2019.

FOWLER, Don. Nos ombros de gigantes: intertextualidade e estudos clássicos. In: PRATA, Patricia; VASCONCELLOS, Paulo S. de (org.). **Sobre intertextualidade na literatura latina: textos fundamentais**. São Paulo: Editora da Unifesp: 2019 [2000]. p. 93-119.

FREITAS, Renata Cazarini. Recepção. In: TACLA, Adriene B.; SOUZA, Camila D. de; ALVAREZ, Beethoven; MORAES, Alexandre S. de. (org.). **Dicionário conceitual de circuitos e interações da Antiguidade**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2024. p. 173-180.

HARDWICK, Lorna. **Reception Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HINDS, Stephen. **Allusion and Intertext: Dynamics of Appropriation in Roman Poetry.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

LINS, Osman. **O fiel e a pedra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F. (org.). **Classics and the use of Reception.** Oxford: Blackwell, 2006.

MARTINDALE, Charles. **Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTINDALE, Charles. Reception – A New Humanism? Receptivity, Pedagogy, the Transhistorical. **Classical Receptions Journal**, v. 5, n. 2, p. 169-183, 2013. <https://doi.org/10.1093/crj/cls003>

OLIVEIRA, Manuel Botelho. **Música do Parnaso.** Organização e estudo crítico de Ivan Teixeira. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

PASQUALI, Giorgio. Arte alusiva. Trad. de Alexandre Piccolo e Lucy Ana de Bem. In: PRATA, Patricia; VASCONCELLOS, Paulo S. (org.). **Sobre intertextualidade na literatura latina: textos fundamentais.** São Paulo: UNIFESP, 2019 [1942]. p. 11-21.

PERRONE-MOISÉS, Leila. Funções da descrição em *O fiel e a pedra*. In: NITRINI, S. (org.). **O fiel e a pedra, de Osman Lins: (o Nordeste de 30: entre a tradição clássica e o romance moderno).** São Paulo: Hucitec, 2021. p. 27-34.

PRATA, Patricia; TREVIZAM, Matheus. Introdução. In: PRATA, Patricia; TREVIZAM, Matheus (org.). **Recepção dos clássicos: intertextualidade e tradução.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2023. p. 7-25.

PRATA, Patricia; TREVIZAM, Matheus (org.). **Recepção dos clássicos: intertextualidade e tradução.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2023.

SODRÉ, Nelson W. **História da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

SOUZA, Eneida M. **A pedra mágica do discurso.** 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

TREVIZAM, Matheus. Intertextualidades virgilianas em *O fiel e a pedra*: personagens e trama. In: NITRINI, Sandra (org.). **O fiel e a pedra, de Osman Lins: (o Nordeste de 30: entre a tradição clássica e o romance moderno).** São Paulo: Hucitec, 2021. p. 133-148.

TEIXEIRA, Ivan. Lugar de *Música do Parnaso*. In: OLIVEIRA, Manuel Botelho. **Música do Parnaso.** Organização e estudo crítico de Ivan Teixeira. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. p. 11-19.

TREVIZAM, Matheus. Ecos da *Eneida* de Virgílio, e do herói antigo, em *O fiel e a pedra* de Osman Lins. **Nuntius Antiquus**, v. 11, n. 1, p. 111-135, 2015.

Recebido em: 05.11.2024

Aprovado em: 13.12.2024